



A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA O ESTUDO DA PAISAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Patrícia Tâmara da Silva; Cícero Nilton Moreira da Silva

*Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus
Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Email: Patricia_tamara@outlook.com ;
ciceronilton@yahoo.com.br*

Resumo:

Os desafios enfrentados pela educação na sociedade contemporânea, marcada, sobretudo, pelos avanços tecnológicos, nos colocam na responsabilidade de desenvolver atividades que auxiliem os professores em suas práticas pedagógicas, de modo que lhes permitam viabilizar uma integração entre tecnologia e ensino. Este trabalho foi apresentado como requisito avaliativo à disciplina “Novas tecnologias aplicadas ao ensino”, ofertada pelo Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE), sendo ele resultado de uma intervenção desenvolvida na Escola Estadual Francisco de Assis da Silva (EEFAS), na turma do 3º ano “A” do ensino médio, no Município de Serrinha dos Pintos/RN. Que almejava analisar como a fotografia registrada a partir de aparelhos celulares pode auxiliar o professor de Geografia em suas aulas, funcionando como ferramenta didática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos melhor compreensão do conceito de paisagem, por meio de um estudo nos arredores da escola. Para a efetivação deste trabalho foi necessário realizar inicialmente um estudo bibliográfico, seguido da elaboração/execução de um plano de intervenção. Com a atividade os alunos conseguiram compreender de forma mais dinâmica e prazerosa o conceito geográfico de paisagem, por meio do qual, foi possível contar com a participação e a interação de todos, que demonstraram interesse e satisfação com a intervenção.

Palavras-chave: Tecnologia, Fotografia, Ensino, Paisagem.

1 Introdução

Desde a antiguidade, o ser humano vem desenvolvendo cada vez mais a capacidade de desenvolver técnicas que favorecem sua convivência com o meio em que vive. Transformando-o de acordo com suas necessidades e interesses, modificando a paisagem natural em paisagem artificial, como podemos ver em Santos (1988).

Estamos constantemente sendo surpreendidos com os avanços tecnológicos, que, ao se instalar em nosso meio, alteram as relações sociais, políticas, econômicas e culturais. A escola recebe diretamente os reflexos das mudanças ocorridas na sociedade, e por isso, precisa estar também buscando se atualizar, de maneira que o ensino não seja fragilizado em razão das



influências recebidas por intermédio da sociedade contemporânea. Haja vista que a escola não é neutra; ela faz parte de um contexto social.

Nessa perspectiva, consideramos importante colocar em evidência a discussão sobre o uso de tecnologias no ensino de Geografia, compreendendo que necessitamos dá prosseguimento a uma discussão que já existe há algum tempo, mas, que ainda encontra entraves quanto a sua efetivação. A prática oportuniza o professor visualizar e refletir como atitudes inovadoras (a partir da utilização de aparatos tecnológicos) podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia.

Destarte, procuramos a partir de uma atividade de intervenção, analisar como a fotografia registrada a partir de aparelhos celulares pode auxiliar o professor de Geografia em suas aulas, funcionando como ferramenta didática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem. Fazendo-o perceber e refletir como os conceitos da Geografia, neste caso em específico o conceito de paisagem, pode ser trabalhado de forma mais articulada com a realidade do aluno.

2 Metodologia

Para efetivação deste trabalho realizamos inicialmente uma revisão bibliográfica com base em teóricos que discutem sobre a temática em estudo, e que deram fundamentação à elaboração da atividade de intervenção, posta em prática posteriormente, a exemplo: Santos (1988); Callai (1999); Travassos (2001); Bergmann (2007), Mussoi e Santos (2008), Santos e Chiapetti (2011) dentre outros. Foi necessário seguir alguns procedimentos para que houvesse a realização da atividade de intervenção, a quem pontuamos: Visita *in loco*, escolha do público alvo, aplicação da intervenção.

A visita *in loco* se deu por meio de um primeiro contato do pesquisador com a Escola Estadual Francisco de Assis da Silva (EEFAS) e apresentação da proposta de intervenção ao professor de Geografia da referida escola. A partir de um diálogo entre o pesquisador e o professor de Geografia ficou estabelecido que a atividade fosse direcionada para a turma do 3º ano “A” do ensino médio.

Retomamos em seguida à escola para executar a atividade, sendo ela desenvolvida em dois momentos distintos, respectivamente, teoria e prática. Na parte teórica discutimos sobre o conceito de paisagem e o uso de fotografias registradas a partir de aparelhos de celulares como ferramenta metodológica para discutir a paisagem que compõe os arredores da escola. Na parte prática os



alunos foram direcionados para fora da escola, na qual puderam observar, analisar e fazer registros fotográficos da paisagem ao redor da escola.

2 Novas linguagens ao ensino de Geografia: o uso da fotografia

A ascensão das Tecnologias da informação e comunicação (TIC) incorporou na sociedade uma série de recursos tecnológicos que remodelou o espaço geográfico, favorecendo mudanças de hábitos e comportamentos nos sujeitos. Quando direcionadas a área da educação, as TICs têm sido alvo de constantes debates quanto aos desafios de torná-las aliadas ao processo educativo. Para Almeida (2005, p.40):

É importante integrar as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação nas atividades pedagógicas, de modo que favoreça a representação textual e hipertextual do pensamento do aluno, a seleção, a articulação e a troca de informações, bem como o registro sistemático de processos e respectivas produções, para que possa recuperá-las, refletir sobre elas, tomar decisões, efetuar as mudanças que se fizerem necessárias, estabelecer novas articulações com conhecimentos e desenvolver a espiral da aprendizagem.

Corroboramos com o posicionamento da autora, uma vez que, a escola, enquanto instituição social, sofre diretamente os reflexos das mudanças ocorridas na sociedade; isso é inevitável. Dessa forma, a escola precisa incorporar tecnologias nos planejamentos pedagógicos, não apenas como uma imposição do sistema, mas como uma escola que, comprometida com a formação dos sujeitos, compreende que as relações do meio influenciam significativamente no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, caso a escola se esquive a tais mudanças, ocasionalmente é possível que as tecnologias se tornem em um entrave ao ensino.

É perceptível que muitas escolas ainda encontram dificuldades em articular as tecnologias ao ensino. Existem casos em que a instituição dispõe de diversos recursos tecnológicos, no entanto, os professores, de um lado, não demonstram interesse pela inovação, e de outro lado, não possuem uma formação/capacitação que lhes permitam trabalhar com os aparatos tecnológicos.

Ensinar a disciplina de Geografia tem se tornado cada vez mais desafiador tendo em vista que o professor necessita dominar tantos os conhecimentos relativos aos conceitos da disciplina, como também a utilização de linguagens adequadas para cada situação de ensino-aprendizagem, assim como salienta Medeiros e Ulhôs (2009). Que acrescentam:



As TICs se apresentam como novas possibilidades de organização das atividades educativas formais ou informais, uma vez que professores e alunos podem se apoiar em diferentes *linguagens* de comunicação e expressão para subsidiar a construção de conhecimentos (MEDEIROS E ULHÔS, 2009, p.).

Com a difusão das TICs, encontramos o conceito de ciberespaço e cibercultura, que constituem partes integrantes da sociedade contemporânea. Logo, Silva e Tancman (1999, p.56) argumentam que se o ciberespaço é parte integrante da sociedade contemporânea, “a Geografia deve buscar compreender, enquanto uma nova forma de materialização dos avanços da sociedade capitalista”. Visto que se a Geografia tem como objeto de estudo o espaço, ela precisa ter conhecimento das novas formas de organização do espaço geográfico.

O ciberespaço é entendido a partir de Silva e Tancman (1999, p.56), como “uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais”. Ou seja, o ciberespaço constitui um novo espaço de sociabilidade virtual. Para Silva e Tancman (1999, p. 57-58):

O ciberespaço é a “Matrix”, uma região abstrata invisível que permite a circulação de informações na forma de imagens, sons, textos etc. Este espaço virtual está em vias de globalização planetária e já constitui um espaço social de trocas simbólicas entre pessoas dos mais diversos locais do planeta.

A interação entre as pessoas no ciberespaço cria também outras formas de linguagens, atitudes, comportamentos e costumes, no qual podemos denominar de cibercultura, definida por Bergmann (2007, p.5), como “um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da internet como um meio de comunicação, que surge com a interconexão mundial de computadores”.

Com o crescente surgimento e uso de tecnologias, ampliam-se cada vez mais as possibilidades de criação de novos instrumentos didáticos que podem auxiliar e facilitar a prática pedagógica. Necessariamente, o professor não precisa fazer uso todos os dias de tecnologia nas suas aulas, mas, em alguns momentos estratégicos, pode-se buscar sair do comodismo, desenvolvendo uma aula mais criativa e instigadora, que desperte o interesse cognitivo do aluno. Dessa forma, a atividade de intervenção relatada neste trabalho, propõe uma forma didática de utilizar fotografias registradas a partir de “aparelhos celulares”, comum entre as pessoas no manuseio cotidiano, como instrumento que viabilize o ensino e a aprendizagem.



Para muitos professores os aparelhos celulares tem se tornado um grande “vilão” à aprendizagem. Principalmente, porque hoje o celular se encontra popularizado, e os inúmeros aplicativos disponíveis nos aparelhos modernos prendem a atenção do aluno, fazendo-os desconectar-se do mundo real, o da sala de aula, para estar conectados com o mundo virtual – os aplicativos cibernéticos são uma boa prova disso.

Sendo assim, como tornar o aparelho celular numa ferramenta capaz de auxiliar os educandos a observar, analisar e compreender o espaço geográfico? Existem várias formas de utilizar o celular a favor de uma aula dinâmica e interessante, no entanto, nos deteremos neste trabalho ao uso das câmeras presentes nos aparelhos móveis, já que hoje, até mesmo os celulares mais simples possuem o recurso de câmera fotográfica. O intuito é utilizar os celulares para fazer registros da paisagem, e assim, contribuir para construção, leitura e compreensão de conceitos geográficos.

A fotografia é um excelente instrumento didático pedagógico para as aulas de Geografia, pois, permite ao aluno a possibilidade de conhecer o mundo além dos muros da escola, sem necessariamente sair dela.

Nesse sentido, a fotografia, de um modo geral, pode ser tida enquanto uma lembrança dos lugares; é também uma fonte de observar, registrar e/ou absorver dados, fatos e informações, capazes de materializar lugares nunca antes visitados (TRAVASSOS, 2001).

De acordo com Mussoi e Santos (2008, p.8) “Os dados, fatos e informações registradas pela fotografia representam a materialização seletiva e excludente do espaço num momento histórico”. Ou seja, a imagem selecionada pela câmera, foi definida pelo olhar do fotógrafo, a partir do que considerou mais importante, excluindo assim, tudo aquilo que julgou menos importante. Colaborando com esse pensamento Mauad (1996, p. 04) argumenta que “há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clic”. E ainda acrescenta:

No entanto, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de analogon da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD 1996, p. 04)



Assim, com apenas um “clic” é possível eternizar paisagens, e ainda tornar a fotografia em um objeto de estudo. Mas, para isso, em consonância com Mussoi e Santos (2008), o professor precisa estimular o senso crítico do aluno, motivando-o a questionar não só os elementos presentes na imagem, mas também o que levou à sua produção. Como por exemplo, em qual contexto histórico aquela imagem foi registrada? Qual era o objetivo do fotógrafo ao registrar a imagem?

É possível comparar as transformações ocorridas na sociedade através de fotografias de diferentes momentos históricos, identificando os agentes que atuaram e atuam naquele espaço, a partir das necessidades e interesses da sociedade, Santos e Chiapeti (2011).

As práticas de ensino de Geografia devem priorizar atividades que favoreçam ao aluno o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo. É preciso descaracterizar a visão mnemônica que ainda perpetua sobre a disciplina, e fazê-la mais significativa ao olhar do aluno. De acordo com Santos e Chiapeti (2011), a fotografia torna-se uma poderosa ferramenta de auxílio no ensino de Geografia, já que é de fácil manuseio e obtenção, com as quais é possível trabalhar temas e conceitos da Geografia.

É importante que o professor não dê preferência somente às imagens distribuídas nos livros didáticos; é necessário ir além. Muitas vezes as fotografias dos livros se mostram distantes da realidade do aluno, isso, por vezes, pode desfavorecer a compreensão do alunado. Logo, é necessário permitir que os alunos visualizem fotografias do seu próprio cotidiano, ou melhor, é interessante que o próprio aluno faça registros fotográficos da paisagem local, desenvolvendo, deste modo, a capacidade de construir seu próprio conceito.

3 Algumas considerações sobre o conceito de paisagem: a importância de estudar a paisagem local

A paisagem constitui um dos conceitos chaves da Geografia, e se configura por meio dos elementos que compõem o espaço. A ideia de paisagem não é recente, ela está presente desde a antiguidade, principalmente na arte e na pintura, mas a incorporação desse conceito nos estudos acadêmicos surgiu a partir da modernidade, Puntel (2006). Para Santos (1988, p.21) a paisagem representa:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.



A partir desse contexto, é possível definir paisagem como tudo aquilo que podemos perceber através dos nossos cinco sentidos (olfato, tato, visão, audição e paladar). A paisagem é bastante heterogênea e, por isso, é dividida em dois tipos: paisagem natural e paisagem cultural, ou artificial.

A paisagem natural é aquela que ainda não sofreu a interferência do ser humano; já a paisagem artificial, é o resultado da transformação da paisagem natural pelo homem, assim, descreve Santos (1988).

Hoje, praticamente não existe a paisagem natural, pois, o ser humano, ao longo de um processo histórico, vem modificando cada vez mais o seu meio, de acordo com suas necessidades e interesses. Desse modo, pode-se perceber que a paisagem não é estática, e está em constante transformação, sobretudo, a partir do emprego da técnica, que permitiu à sociedade (des)construir o espaço em que vive, transformando-o em seu benefício ou em detrimento de tantos outros.

Portanto, a Geografia, enquanto disciplina escolar deve favorecer a integração do aluno no espaço em que vive. Deste modo, necessita-se que seja desenvolvida nas crianças e nos adolescentes a capacidade de compreensão de diferentes paisagens. É assim reconhecer seus elementos, suas histórias, suas práticas sociais, culturais, e suas dinâmicas naturais, Puntel (2006).

É fundamental também que o professor de Geografia facilite a compreensão dos alunos sobre os conceitos geográficos, por exemplo, a partir, de elementos do seu cotidiano. Ou seja, propicie uma aprendizagem que articule o saber local com o global. Em contrapartida, com uma metodologia que permita ao educando, por exemplo, estudar sobre a paisagem de sua cidade, de seu bairro, ou de sua rua.

Segundo Dias e Bonotto (2011, p.158) “o sentido do local melhora o entendimento do contexto, do singular e histórico, resultando em um entendimento aguçado do abstrato, das propriedades, do generalizável”. Nesse sentido, estudar a Geografia partindo de uma escala local, pode possibilitar ao aluno melhor compreensão das complexidades do mundo contemporâneo. Dessa forma, é necessário que a relação entre local e o global esteja articulada no currículo da educação básica, de modo que possa favorecer uma aprendizagem mais significativa em termos de análise interpretativa sobre a realidade socioespacial.

Callai (1999, p.89) discorre que:

Em geral, se descrevem paisagens distantes e, com as próximas, fazem-se descrições tão impessoais que não parecem ser o mundo em que se vive. O grande desafio é tornar as coisas mais concretas e mais reais. Um ensino consequente deve estar ligado com a vida, ter presente a historicidade das



vidas individuais e dos grupos sociais, com um sentido para buscar o conhecimento existente e conseguir produzir conhecimento próprio.

É justamente por se mostrar distante da realidade do aluno, que o ensino de Geografia se encontra, por muitas vezes, desvalorizado nas escolas. Assim, fundamentados nos pensamentos de Callai (1999), percebemos que é necessário aproximar os conceitos para a realidade do aluno, de forma que estes não se tornem superficiais. Nesse tocante, o conceito de paisagem e seu desdobramento em elemento metodológico, calcado na ferramenta iconográfica como registro, podem vir a auxiliar na compreensão deste viés articulado.

4 Intervenção na escola: uma proposta didática para as aulas de Geografia

A prática educativa é desafiadora, sobretudo numa sociedade onde a tecnologia ocupou todos os espaços, inclusive os das salas de aula. Qual professor nunca teve sua aula interrompida porque os alunos estavam distraídos, navegando na *internet*, através do uso da comunicação via celular? Quantas vezes foi preciso pedir para o aluno desligar esse equipamento/aparelho?

Como solucionar esses problemas corriqueiros na sala de aula? Para muitos professores, este fato é um grande dilema a ser enfrentado. No entanto, pode-se seguir a orientação de transformar o celular em um aliado, junto ao processo de ensino-aprendizagem.

Pensando nessa problemática, em maio de 2015, foi desenvolvida uma atividade de intervenção na Escola Estadual Francisco de Assis da Silva, de nível médio, no Município de Serrinha dos Pintos/RN, na turma do 3º ano “A”. A seguir, passaremos então a discorrer como se deu este momento de aprendizagem.

Considerando que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, Freire (2011), iniciamos a intervenção dando a oportunidade para que os alunos do 3º ano discorressem sobre o que concebiam sobre paisagem; de modo que os saberes construídos a partir de suas vivências e prática cotidianas permitiram que, coletivamente, pudessem construir uma compreensão sobre o conceito de paisagem.

A partir da apresentação de *slides*, discutimos teoricamente o conceito de paisagem, bem como, a utilização de fotografias, registradas por meio de aparelhos celulares, como ferramenta didática para estudar a paisagem local.

Após esse primeiro momento, os alunos foram motivados a se dirigir para fora da sala de aula, a fim de realizar um passeio nos arredores da escola para observar a paisagem local. Alguns



procedimentos foram necessários para que a intervenção fosse efetivada. Assim, os passos metodológicos nesse sentido foram respectivamente: observação, análise, interpretação e, por último, o registro fotográfico da paisagem estudada.

A observação, conforme Mussoi e Santos (2008) é o passo inicial de uma atividade desta natureza. Consiste em reconhecer os elementos que compõem a paisagem, definir suas naturezas constitutivas, identificar as unidades paisagísticas presentes no local, entre outros. Foi nessa perspectiva que a observação à paisagem dos arredores da escola foi desenvolvida pelos alunos.

Feita a observação geral, os alunos foram direcionados a seguir o procedimento seguinte; a análise da paisagem, que, de acordo com Mussoi e Santos (2008) tem o objetivo de dar sentido aos elementos presentes na paisagem, ou seja, possibilitam identificar a configuração espacial da paisagem.

Partimos então para o terceiro procedimento; a interpretação da paisagem, que consiste em procurar explicações para os elementos observados, relacionando-a com seus conhecimentos geográficos anteriores, ainda segundo Mussoi e Santos (2008).

Ao finalizar essas três etapas, os alunos perceberam que pouco se encontra de paisagem natural nos arredores da escola, tendo em vista que por interesses particulares, os moradores daquele bairro, ao longo do tempo, foram modificando o seu meio.

Os alunos conseguiram compreender, por exemplo, que, por interesses econômicos, uma lanchonete, foi construída estrategicamente naquele espaço onde se encontra, devido à existência de um fluxo frequente de pessoas, neste caso, o hospital (Unidade Mista Terezinha Maria de Jesus) e a própria escola. Confirmando assim, o pensamento de Santos (1988, p.16):

[...] o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo.

Para concluir a intervenção, os alunos fizeram registros fotográficos da paisagem estudada através dos seus próprios aparelhos celulares. Os registros foram fundamentados naquilo que os alunos consideraram importante, a partir da experiência que tiveram com a intervenção.

Logo abaixo, sistematizamos algumas das imagens registradas pelos alunos, durante a realização da atividade intervencionista.

Figura 01: Serras



Foto: Dássio, aluno do 3º ano (2015).

Figura 02: Casa em construção



Foto: Mayume, aluna do 3º ano (2015).

A participação dos alunos durante todo o desenvolvimento da atividade foi integral. Mostraram-se bastante empolgados com a proposta de ensino aplicada, interagiram; esporam suas opiniões e fizeram questionamentos.

Enfim, usar o celular para registrar a paisagem estudada foi diferente e instigante para os alunos. O que fez da intervenção um momento riquíssimo de aprendizagem e troca de experiência.

Considerações finais

Com o advento da tecnologia, a instituição escolar vê-se rodeada de aparatos tecnológicos, e, desse modo, não tem como fingir que eles (aparatos) não existam, pois, de alguma forma irão influenciar no ensino. Restando ao professor, se desafiar num mundo muitas vezes desconhecido, em busca de uma prática emancipatória, que contribuía para formação integral do indivíduo, capaz de auxiliá-lo no desenvolvimento de um espírito crítico e reflexivo. A experiência é fundamental para que, conscientemente o discente possa entender qual a sua responsabilidade, percebendo seu papel na sociedade.

A experiência da intervenção abordada nesse trabalho investigativo, é um exemplo de que, atividades inovadoras propiciam o desenvolvimento de competências e habilidades nos alunos. Nesta atividade foi possível estimular a participação dos alunos através da expressão de suas ideias



e criatividades; permitiu instigar a percepção dos educandos quanto aos elementos que compõem o espaço geográfico, e ainda inserir uma nova linguagem, no caso, a fotográfica - para leitura e compreensão do espaço geográfico - por meio dos aparelhos celulares.

Com isso, é possível analisar e refletir que, simples atitudes, podem mudar totalmente o direcionamento de uma aula, tornando-a mais dinâmica, instigante e interativa.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p. 39-45.

BERGMANN, H. M. B. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de Geografia. In: **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653) n.º 43/7 – 10 de setembro de 2007.

CALLAI, H. C. A geografia no ensino médio. In: **As transformações no mundo da educação**. Terra Livre. São Paulo, ISSN 0102-8030. Jan-Jul/1999. p.60-99.

DIAS, G. M; BONOTTO, D. M. B. As dimensões local e global nos entendimentos e práticas de professores participantes de um curso de formação continuada em educação ambiental. In: **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. São Paulo. Vol. 11, Nº 1, 2012. p.145-163.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. São Paulo, 2011.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>> Acesso em: 15 de Mai. de 2015.

MOREIRA, S. A. G; ULHÔA, L. M. Ensino em geografia: Desafios à prática docente na atualidade. In: **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 69-80, 2009.

MUSSOI, A. B; SANTOS, W. T. P. **A fotografia como recurso didático no ensino de geografia**. Guarapuava 2008. Disponível em: <<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>>> Acesso em: 19 de Mai. de 2015.

PUNTEL, G. A; VERDUM, R. **Paisagem: uma análise no ensino da Geografia**. Dissertação de mestrado (Pós-graduação em Geografia). Porto Alegre, Agosto, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SANTOS, R. C. E; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011, p.167-183.

TRAVASSOS, L. E. P. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. In: **Revista de Biologia e Ciências da Terra**; ISSN 1519-5228. Volume 1 - Número 2 – 2001.